

Investir no setor da saúde: a lição aprendida na pandemia



Investir na saúde sempre foi uma possibilidade, mas após a pandemia se tornou uma necessidade para evitar futuras crises. De fato, desde antes do aparecimento da COVID-19, os países do mundo já estavam buscando ativamente chegar a todas as populações, oferecer melhores serviços de saúde e reduzir as despesas no setor, pois isso gera prejuízos pelos pagamentos diretos feitos, por exemplo, para medicamentos, internações ou procedimentos ambulatoriais.

Assim, são os investimentos na área da saúde os que vão determinar o futuro deste setor no mundo todo. Da mesma forma, com base nesses investimentos, os países tomarão decisões que terão um impacto direto na saúde dos seus habitantes. Para falar sobre o caso latino-americano e o futuro de seus sistemas de saúde, a Federação Latino-Americana da Indústria Farmacêutica (FIFARMA) fez um encontro virtual denominado "Gerando investimentos para o atendimento em saúde" no dia 6 de abril. Foram convidados diversos especialistas para analisar o

futuro da região e dar pistas sobre os passos que deverão ser tomados após a pandemia da COVID-19.

Como estava a região?

Desde antes da pandemia, especificamente no caso da América Latina, houve um compromisso importante para melhorar os serviços de saúde, já que se prevê que haja um envelhecimento demográfico significativo. Segundo a [CEPAL](#), até 2037, a proporção de pessoas idosas excederá a proporção de crianças com menos de 15 anos de idade na região. Além disso, este envelhecimento da população é acompanhado de cenários de desigualdade, pobreza, desemprego e empregos de baixa renda, razões que tornam ainda mais urgente a preparação e o planejamento dos sistemas de saúde para o futuro.

Além disso, a pandemia chegou em um momento em que a saúde na região estava recebendo cada vez mais inovação e tecnologia. De fato, o mercado farmacêutico na América Latina está crescendo a um ritmo mais rápido do que os orçamentos de saúde de cada país, o que significa que a pesquisa e o desenvolvimento estão se tornando uma parte fundamental do desenvolvimento dos serviços de saúde na região.

Atualmente, quatro países investem mais de 6% do seu PIB em saúde (Uruguai, Costa Rica, Cuba e Panamá), o que é uma recomendação da Organização Pan-Americana da Saúde ([OPAS](#)). Na mesma linha, apenas quatro países (Cuba, Suriname, Cuba e Colômbia) gastam menos de 20% de suas despesas públicas em saúde. De fato, em média, a América Latina gasta 30% em despesas rotineiras, sendo a Venezuela e a Guatemala alguns dos países que mais gastam.

Agora, com a chegada da COVID-19, a América Latina teve retrocessos em seus sistemas de saúde, pois houve grandes prejuízos econômicos, muitas pessoas perderam seus empregos, bem como sua capacidade de entrar no sistema de saúde. Neste sentido, em 2021, os países tiveram dificuldades para receber um fornecimento constante de vacinas e para oferecer serviços de saúde a toda a população. Além disso, alguns serviços privados, como as cirurgias plásticas,

deixaram de ser considerados um elemento importante da saúde, pois não houve espaços dedicados a eles durante a pandemia.

Usar a crise como uma oportunidade

Segundo Roberto lunes, economista sênior do Banco Mundial, a pandemia poderia ser uma oportunidade para mudar a forma como a saúde é financiada na região hoje em dia. Atualmente, os sistemas de saúde estão sob pressão, pois há um aumento na demanda de serviços que não vai terminar em breve. Estas pressões também vêm de tratamentos que não puderam ser feitos devido à pandemia, outras consultas que foram interrompidas devido ao medo pela pandemia e, é claro, doentes de coronavírus.

Por outro lado, a questão da saúde mental vai ser uma área que vai crescer muito depois da pandemia, porque demonstrou a fragilidade que têm os sistemas de saúde em relação à saúde mental. Nas palavras de lunes, todos esses são problemas que foram paralisados que vão precisar de recursos significativos a partir de agora. Isto, naturalmente, implica levar em conta as restrições fiscais de cada governo, já que os recursos são limitados após a crise.

A notícia positiva é que a relevância do setor da saúde tem sido absolutamente clara a partir da pandemia. Isto levou à criação de uma estratégia global para continuar investindo para reduzir o risco das pessoas, comunidades e nações por causa de possíveis desastres futuros. Portanto, surgiu uma oportunidade nos gastos públicos de saúde, ou seja, que os gastos devem ser feitos com muita efetividade para alcançar eficiência em um país e, assim, atingir resultados que gerem impactos significativos na saúde da população.

Por isso, lunes explicou que, para o futuro, existem dois tipos de financiamento. O primeiro é um imposto saudável, que é por exemplo sobre o tabaco, bebidas alcoólicas ou açucaradas. Assim, os governos podem aumentar a arrecadação de impostos por meio de produtos que são nocivos para a saúde. Além disso, estes são produtos que geram doenças crônicas no mundo inteiro. Assim, se os impostos são aumentados, o consumo desses produtos é reduzido e se os impostos são

cobrados, haverá uma melhoria nas condições de saúde. A longo prazo, isto também terá um impacto nos custos dos serviços de saúde.

Além disso, existe o financiamento baseado em resultados, que procura criar incentivos para os sistemas de saúde atingirem resultados. Em outras palavras, é um modelo que não exige somente dar um passo além do pagamento das despesas em saúde, mas também visa uma melhoria que promove ativamente a qualidade dos serviços prestados ao paciente. Em resumo, o financiamento baseado em resultados proporciona pagamentos, por exemplo, para processos de boa qualidade, para o cumprimento de metas (por exemplo, diagnóstico precoce do câncer), ou pagamento pela prestação de um serviço específico.

Da crise ao crescimento na saúde

Por sua vez, Moisés Uribe, Managing Partner da Silverback Ventures, esclareceu que todos os recursos utilizados para a saúde a partir de agora, devem ser vistos como um apoio ao sistema produtivo de um país. Em outras palavras, isto significa que os serviços de saúde ajudam a reduzir as diferenças sociais, a melhorar o bem-estar da população e a ter uma melhor qualidade de vida. Portanto, a saúde não pode ser vista como uma despesa em crise, mas sim como um investimento para o futuro.

A fim de atrair recursos para o setor da saúde, é importante ter claro quais os objetivos que podem ser atingidos, quanto crescimento pode ser alcançado e quem pode ser beneficiado. Assim, de acordo com Uribe, fundos de capital privado e financiadores corporativos podem ser convidados a contribuir com a saúde de um país, pois isto pode gerar um impacto significativo na sociedade. Os investidores, portanto, terão uma grande base de valor, não apenas porque o investimento será devolvido, mas porque são investimentos com grandes impactos sociais, ambientais e econômicos.

Desde 2014 houve um aumento nos fundos na América Latina que permitiram inovar e criar acesso à saúde de diferentes áreas, então, está provado que há investidores interessados em fazer parte dos sistemas de saúde. Uribe explicou que diferentes empresas já realizaram programas por meio de fundos que giram em

torno, por exemplo, da busca de medicamentos inovadores, melhoras na infraestrutura médica e no atendimento médico para mães de primeira viagem para que elas não morram ao dar à luz ou para permitir que populações vulneráveis, como as crianças, tenham acesso a medicamentos.

Em conclusão, o setor da saúde sempre foi um setor desejável para fazer investimentos, pois ficou provado que contribuir para o bem-estar da população gera bons resultados para os cidadãos, para o país e para os próprios investidores. Nesta ordem de ideias, a pandemia trouxe à tona a importância de contribuir com a saúde e atraiu muitos investidores que a consideraram como uma oportunidade. Embora a América Latina tenha sido uma das regiões mais atingidas pela pandemia, também criou uma grande oportunidade para inovar e convidar empresas e investidores a fazerem parte deste novo processo de saúde que está surgindo na região.

Fontes

[Espacio fiscal para la salud en América Latina y el Caribe](#)

[GASTOS DEL BOLSILLO EN SALUD EN COLOMBIA](#)

[Posibilidades y limitaciones de la gestión por resultados de salud, el pago por objetivos y el redireccionamiento de los incentivos. Informe SESPAS 2008](#)